

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 3, 1984

Páginas 169 - 171

Os Cus de Judas, de Antonio Lobo Antunes. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1984.

Os confins da amargura

Carlos Vogt

Neto de brasileiros do Pará, Lobo Antunes, psiquiatra e ex-combatente na guerra colonial em Angola, nasceu em Lisboa em 1942. Os Cus de Judas, seu segundo romance, publicado em Portugal em 1980, veio confirmar as qualidades literárias presentes já no seu romance de estreia - Memória de Elefante - e acirrar os ânimos conservadores da crítica diante de suas inovações de forma e ou sadias de conteúdo.

Como outras grandes obras do século XX, a começar pelo Ulisses, de Joyce, e do mesmo modo que em A Morte de Virgílio, de Hermann Broch, ou Under the Volcano, de Malcolm Lowry, por exemplo, a ação objetiva do romance tem um tempo muito exíguo de duração. Em Os Cus de Judas ela dura à noite em que, até o amanhecer, primeiro num bar, depois em seu apartamento em Lisboa, o narrador con

---

Carlos Vogt é professor do Departamento de Linguística do IEL - UNICAMP.

ta para uma companheira fortuita e silenciosa a memória dos vinte e sete meses durante os quais serviu, como médico, na campanha de Angola, lutando sem vontade contra o MPLA.

As lembranças vêm em atropelo e vão compondo imagens ferozes que arrancam pedaços ao corpo apodrecido de uma civilização caduca. São imagens poderosas que se espalham pelo contágio inevitável da dor de pertencer a este mundo ofendido pela inépcia cruel do fascismo provinciano de Salazar; imagens que se contaminam elas próprias da decomposição da vida e aprisionam o narrador num duro e lúcido sarcasmo diante da desventura civilizatória dos portugueses na África.

Também como nos romances que mencionamos, há em Os Cus de Judas, fortes intenções alegóricas. Cada capítulo, vinte e três ao todo, é marcado por uma letra do alfabeto, o que faz do livro, de certa forma, um ABC ou um Abecedarius, composição poética que se popularizou na Renascença e é muito comum no Brasil, nordeste principalmente, para cantar feitos e façanhas de destaque. Não é preciso dizer que o romance de Lobo Antunes é um ABC pelo avesso. Por outro lado, se em Ulisses, por exemplo, a banalidade de um dia da vida de um agente de câmbio deve ser contraposta à luz dos cantos da Odisséia, para que na vulgaridade de acontecimentos comuns possamos ler a epopeia de nosso mistério, em Os Cus de Judas a contraposição necessária é a que se faz com Os Lusíadas, de Camões. Não para velar o épico no banal, mas para revelar no épi

co as consequências nefastas dos heroísmos de bronze e de cartório.

A longa conversa do narrador com sua companheira, ambos sem nome, reproduz, com sinal invertido, o relato de Vasco da Gama ao Rei de Melinde, quando este ouve silencioso e admirado os grandes feitos lusitanos contados pelo descobridor do caminho das Índias.

O menino que fora proibido pela família de ler o Canto IX d'Os Lusíadas, por causa do episódio da Ilha dos Amores, transforma-se, adulto, no navegante desiludido e amargo que, aposentado das viagens de conquista, conta a uma Têtis de mesa de bar o desmoronamento das previsões de grandeza que lá no poema épico a ninfa, a mando de Vênus, fizera ao Gama e a Portugal.